



24-12-2016

Tiragem: 26500

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Informação Geral

Pág: 33

Cores: Cor

Área: 23,30 x 14,64 cm<sup>2</sup>

Corte: 1 de 1



JOÃO MEDEIROS  
ADVOGADO

# Os outros, esses corruptos

A chegar ao fim mais um ano de grande atividade judiciária, constata-se com agrado que nunca se falou tanto de corrupção em Portugal. Nunca antes houve um consenso tão generalizado acerca da danosidade social da corrupção, nunca este tema foi objeto de tão acesa discussão pública em todos os fóruns e, como se impunha e não podia deixar de ser, nunca este fenómeno foi alvo de tão reforçada atenção e destino de avultados recursos por parte das autoridades judiciárias e órgãos de polícia criminal.

Vergados por uma carga fiscal desumana, conscientes de que há uma 'realidade paralela', portugueses de todas as cores, credos e ideologias políticas, se unem na ideia de que a corrupção é um flagelo social que deve ser erradicado.

Não obstante este aparente consenso e apesar da elevada percepção pública acerca da existência do fenómeno da corrupção na so-

cidade portuguesa, a verdade é que a adoção por parte das estruturas empresariais de medidas preventivas de combate à corrupção é ainda objeto de uma enorme resistência. Em Portugal, talvez com exceção do segmento financeiro, das multinacionais e, recentemente, de uns tímidos passos dados na administração pública, a inquietação pública e o incremento sancionatório que se tem vindo a assistir, não tem tido o esperado reflexo ao nível da atividade preventiva do fenómeno corruptivo nas empresas.

Diz-se que as medidas preventivas de combate à corrupção no seio empresarial primeiro estranham-se e depois entranham-se. Em Portugal tardam a entrar-se. Mas porquê?

Em primeiro lugar, porque instalar na nossa empresa mecanismos de prevenção da corrupção significa pagar para perder poder. Para que estes mecanismos sejam

efetivos, têm de ter a capacidade de agir sobre as regras de organização da empresa. As pessoas encarregues de tal missão, não se devem assumir como representantes do interesse dos acionistas ou gerentes, mas salvaguardar determinados interesses coletivos. Cabe-lhes vigiar e supervisionar a própria direção da atividade empresarial, os seus objetivos financeiros e a capacidade dos altos dirigentes da empresa.

Mas ao contrário do que se poderia pensar, esta resistência não se resume apenas aos órgãos decisores. Muitos daqueles que em casa, confrontados com o noticiário da noite, condenam ao fogo

**Em Portugal achamos que a corrupção é sempre um problema do vizinho do lado**

dos infernos os corruptos prevaricadores, rosnam com o Chefe quando confrontados com o trabalho que dá fornecer informação a estruturas de reporte. Como haverá esta empresa andar para a frente se não me deixam produzir?

E que pensam sobre códigos de conduta e limites a ofertas de hospitalidade aquelas pessoas cuja remuneração tem uma parcela variável significativa que depende diretamente das vendas, quando têm a percepção, que na empresa concorrente do lado, nada disto se cumpre?

O problema é, porventura, mais profundo. É uma questão quase cultural. Em Portugal acharmos que a corrupção é sempre um problema do vizinho do lado. Nos sucessivos *surveys* globais sobre fraude que têm sido realizados em Portugal, cerca de 50% dos entrevistados consideram que as práticas de suborno e

corrupção acontecem de forma generalizada no país, mas apenas 11% dos entrevistados admitem que tal se passe no seu setor. E o universo reduz-se a uns impressionantes 4%, quando os inquiridos são perguntados se, em concreto, já foram confrontados com estes fenómenos.

Os corruptos são os outros. Quanto mais longe de nós, mais corruptos. Quando se fala em corrupção, há como que uma pseudo-superioridade moral da nossa organização. Admitir a instalação na nossa empresa de mecanismos de prevenção da corrupção é já cometer um quase crime. É revelar ao mundo que na nossa empresa há seres humanos, daqueles capazes de corromper ou ser corrompidos. Nesta questão a vida vai ao arripio da fantástica música dos Azeitonas! Aqui, o pínaculo da perfeição somos nós. Os maridos das outras, esses são sempre os corruptos!